

## POESIA DE CORDEL EM SALA: O FEMININO EM FOCO

Laiz Claudia Balbino Martins <sup>1</sup>  
Maria Suely da Costa <sup>2</sup>

### RESUMO

A leitura literária de cordéis de autoria feminina ainda é incipiente no ambiente escolar, como consequência os estudantes apresentam pouco conhecimento deste gênero literário como produto de feitura feminina. Assim, o objetivo deste trabalho está em oportunizar a leitura do texto poético para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública com vista a formação de um leitor literário capaz de reconhecer o valor estético, literário, social e humano do cordel feminino. Para isto, propusemos a leitura de cordéis que tenham a mulher como tema e autoria, como a obra *Heroínas negras em 15 cordéis* (2020), da escritora Jarid Arraes, uma coletânea de cordéis que retratam a trajetória de vida e luta de mulheres negras que inspiram reflexão na atualidade. Para isso, adotaremos a metodologia o método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988). As ações serão pautadas em pressupostos teóricos que discutem a leitura (ORLANDI, 2012; SOLÉ, 2014), a leitura literária e a formação do leitor (COLOMER, 2007; 2003; SOUZA e FEBA, 2011), o letramento literário (COSSON, 2021; SOUZA e COSSON, 2011), a Literatura de Cordel e sua presença na sala de aula (ABREU, 1999; MARINHO E PINHEIRO, 2012; QUEIROZ, 2006; HAURÉLIO, 2013), e a questão feminina (DUARTE 1995; BUTLER, 2003) entre outros. Como resultado, esperamos contribuir para a formação de alunos/ leitores capazes de reconhecerem no texto literário de cordel com autoria feminina um campo propício para ampliar seus horizontes de expectativas e oportunizar a reflexão e o posicionamento sobre seus contextos sociais.

**Palavras-chave:** Leitura literária, Cordel, Feminino, Ensino.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de pesquisa, ainda em desenvolvimento, no Mestrado Profissional em Letras - Profletras no campo da leitura literária e tem como principal objetivo oportunizar a leitura de folhetos de cordel de autoria feminina para estudantes do 9º ano, com o intento de contribuir para a formação de aluno leitores capazes de reconhecer o valor estético, literário, social e humano do cordel feminino. Além disso, pretendemos promover o espírito de valorização e reflexão acerca do feminino, mediante o efetivo encontro dos estudantes com cordéis escritos por mulheres.

De natureza aplicada este estudo apresenta uma breve discussão acerca da leitura, do cordel e a presença do cordel feminino em sala de aula. Ademais, trataremos sobre a proposta

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UEPB [laisbalbino72@gmail.com](mailto:laisbalbino72@gmail.com), ;

<sup>2</sup> Professora Doutora em estudos da linguagem do Departamento de Letras – PROFLETRAS/UEPB, [suelycosta@servidor.uepb.edu.br](mailto:suelycosta@servidor.uepb.edu.br) .

pedagógica com sugestão de aplicabilidade, baseada no método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988).

Estamos inseridos em uma sociedade grafocêntrica, na qual a escrita é uma atividade fundamental e bastante valorizada que permeia todo o nosso cotidiano, assim sendo, o domínio da escrita e da leitura proporciona ao leitor acesso a conhecimentos necessários à vida em coletividade. Além disso, a leitura é essencial para que o indivíduo compreenda sua importância enquanto cidadão, permite ainda que este tenha a base para acessar o mundo tecnológico e digital no qual estamos inseridos e participe de maneira mais ampla e consciente do mundo hodierno.

No que diz respeito ao ato de ler, Solé (2014, p.32) compreende a leitura em uma perspectiva interativa, neste sentido a autora aponta para um “processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios” realizando uma atividade constante de previsões e inferências.

Seguindo essa linha de pensamento, podemos perceber que o ato de ler é descrito enquanto “processo”, neste sentido, a leitura não deve ser pensada enquanto uma simples decodificação, mas como uma atividade contínua que pressupõe a compreensão de múltiplos aspectos, como a vivência pessoal de cada leitor, suas experiências, conhecimentos prévios, o momento em que a leitura está sendo realizada, o período em que foi escrito, o teor do texto, a forma que se apresenta, o contexto, entre outros.

Soares (1995, p.18) corrobora com o entendimento da leitura enquanto interação e acrescenta que esta não pode ser vista como um ato solitário, pois de acordo com a autora, ler é “interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações como o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações como mundo e com os outros”. Dado este entendimento, pode-se constatar a importância da integração.

Sendo assim, para uma leitura realmente significativa são necessários vários fatores, um deles é que o leitor precisar estar conectado ao texto, para isto, torna-se indispensável que a escola esteja atenta ao “conhecimento de mundo” dos discentes, utilize estratégias que consigam apontar para uma leitura enquanto interação e conduza o estudante a um processo de interpretação da sua própria realidade. Neste sentido, a escola se apresenta como um espaço propício para que a leitura ganhe contornos mais sistemáticos em que a leitura de mundo e da palavra sejam explorados e de fato ensine o estudante a explorá-la, extraindo o máximo de

aprendizado possível, a fim de que o discente possa desenvolver-se. Por tal razão, a leitura deve ser uma prática frequente em todos os níveis escolares.

Além disso, é importante destacar que a leitura de variados tipos de textos é fundamental para o crescimento do leitor iniciante, neste viés, a leitura de textos literários se apresenta especialmente favorável para que este explore a leitura em variadas vertentes e consiga ascender enquanto desbravador de histórias. Nos dizeres de Cosson (2021, p.30) “Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, (...) porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”.

O texto literário proporciona a imaginação, o entretenimento a interpretação da subjetividade, conduz a observação do valor estético e literário da obra, além de permitir que o leitor explore as palavras de forma distinta de outros textos, deste modo, como atesta Colomer, 2007, p.27 “o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbaliza-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam valores e o sistema estético da cultura”.

Tendo em vista o exposto, a leitura literária se apresenta como um importante recurso no processo de construção do leitor e como uma atividade imprescindível ao cotidiano escolar desde os primeiros anos, pois enquanto produção artística cria, recria e interpreta a realidade, aguçando da criatividade, a imaginação e o senso estético. Consoante a este raciocínio, Burlamaque *et al.* aponta para os ganhos que a experiência com o texto literário suscita no indivíduo:

Desde a tenra idade, a iniciação literária possibilita à criança a fruição e o prazer, que favorece o enriquecimento de seu repertório imaginário. No campo educativo essa experiência permite alargar seus horizontes e seu conhecimento de mundo, transcendendo seu campo demarcado como repertório cultural (BURLAMAQUE *et al.*, 2011, p.75-76).

Mesmo consciente da importância da leitura literária, sabe-se que o campo educativo apresenta várias problemáticas e uma das questões que se pode observar em uma rápida leitura na maioria dos livros didáticos é a prevalência pelo ensino de gêneros não literários e de conteúdos gramaticais, visando a formação utilitária dos estudantes. Como consequência, o espaço para os textos literários fica reduzido a leituras fragmentadas ou como pretexto para o ensino de normas.

No que diz respeito a leitura de cordéis de autoria feminina, o espaço ainda é bem menor sendo, normalmente, uma escolha pessoal do professor. Diante deste cenário, os estudantes

apresentam pouco conhecimento deste gênero literário como produto de feitura feminina desenvolvendo um olhar reducionista sobre a diversidade dos textos de cordel.

Para minimizar a problemática apresentada, é imperativo que a leitura de textos literários esteja no centro do ensino de Língua Portuguesa visto que, contribui para a formação de indivíduos mais sensíveis, criativos, reflexivos e críticos, em especial os cordéis de autoria feminina, a exemplo da obra *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes. Tal obra, permite que os estudantes tenham acesso a textos com a perspectiva feminina e que dá ênfase a importantes mulheres da nossa história e da literatura, bem como, despertem para a palavra com todo o seu potencial estético, polissêmico, plural e que conduz a múltiplas aprendizagens.

Reconhecido como patrimônio cultural imaterial do povo brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), trazer o cordel para a sala de aula significa valorizar a nossa cultura oportunizando que os estudantes se reconheçam como parte desta, além de estimular a percepção acerca da riqueza literária, estética dos textos de cordel, compreender que a literatura popular tem muito a ensinar e que para se encantar pela poesia popular dos versos é necessário conhecê-la, conforme Alves:

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais (ALVES, 2008, p.108).

Os textos de cordel são parte importante da cultura do Brasil, representam os modos de vida, as paisagens, as crenças e tantos outros aspectos do nosso povo. De origem Europeia, a literatura de cordel remonta à Idade Média, e teve como base o modo de apresentação, pois estes escritos eram expostos pendurados em cordas ou cordões finos de onde é derivado o termo “cordel”. Na Europa, esses cordéis, cordas, cordões ou barbantes estimulavam o contato visual do público com os textos produzidos.

Trazido para o Brasil pelos portugueses, segundo Câmara Cascudo, o cordel espalhou-se pelo país, especialmente pela região nordeste, onde encontrou forte presença das cantorias, assim, o cordel brasileiro foi se formando. Nas palavras de Marinho e Pinheiro (2012, p.17) “No Brasil cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais (...), fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel”, reunindo características orais e escritas, organizados em estrofes e versos em que a rima e o ritmo são bem demarcados, em linguagem simples e acessível, principalmente para as camadas mais baixas da população.

Apesar da dificuldade em se apontar o primeiro cordel a ser publicado, a pesquisadora Vera Lúcia de Luna e Silva (2012) aponta que o cordel mais antigo a ser impresso no Brasil, foi escrito de forma anônima, datado no ano de 1865, com o título *Testamento do gallo augmentado com o testamento da galinha*. No princípio, os folhetos eram produzidos em tipografias de jornal, posteriormente, com o surgimento das tipografias dos próprios cordelistas, a fabricação dos cordéis foi facilitada necessitando da presença dos agentes revendedores. Assim, entre as décadas de 1910 e 1960, a literatura de cordel se tornou um negócio com lucratividade crescente, bastante popular nas cidades do nordeste, sendo muitas vezes a principal fonte de informação e entretenimento.

Leandro Gomes de Barros (1865-1918), um paraibano da cidade de Pombal e radicado no velho Recife, foi um dos responsáveis pela propagação da literatura de cordel brasileira, considerado por muitos como o “pai do cordel brasileiro”, destacou-se pela iniciativa em estabelecer e sistematizar tendências de composição e comercialização. Segundo Haurélio (2013, p.11), Leandro foi “o herói desbravador da seara do cordel e o modelo a ser seguido por todos os poetas do gênero”, foi ele quem iniciou a criação, produção e venda de seus versos, abrindo precedentes aos demais, como por exemplo de Francisco das Chagas Batista, João Melquíades Ferreira da Silva e João Martins de Athayde.

Apesar do crescimento e propagação do cordel nos anos seguintes, no final dos anos de 1980, o cordel passou por momentos de baixa produção com ausência de novos nomes, por esta razão, alguns estudiosos chegaram a anunciar o fim da literatura de cordel. Nas palavras de Marinho e Pinheiro (2012, p.17) “o cordel vive tempos de fartura e escassez”, felizmente o período de baixa produtividade foi superada e o cordel não acabou, graças a novos cordelistas que fizeram um trabalho de preservação e atualização da poesia popular de cordel.

Ao observar essa breve trajetória, é possível notar como a literatura de cordel sofreu transformações ao longo do tempo. Hoje, os textos de cordéis estão presentes em todas as esferas da sociedade e em diferentes lugares, desde as bancas das feiras até as universidades, além do espaço virtual, no entanto, uma realidade que ainda persiste é a supremacia masculina ligada ao cordel, apresentando-se como um reduto eminentemente masculino. No cenário nacional, por exemplo, boa parte da população conhece ou já ouviu os nomes de Patativa do Assaré e Bráulio Bessa na produção de cordéis, no entanto, ainda há muito desconhecimento acerca de cordelistas mulheres.

A baixa divulgação e leitura de cordéis femininos está ligada a um passado marcado pelo patriarcalismo, em que as mulheres ocupavam um lugar de submissão, ficando responsável pela criação, educação dos filhos e tarefas do lar. Conforme assevera Queiroz (2006, p.13) a

ausência de mulheres na produção de cordéis “deve-se em parte às funções que deveriam ser exercidas pela mulher numa sociedade patriarcal (...) em que se evidencia o silêncio e a reclusão tanto no cenário público da vida cultural quanto no registro das histórias da nossa literatura”. Além disso, neste período, a maioria das mulheres não sabiam ler nem escrever e não era permitido que as mulheres demonstrassem possuir alguma habilidade igual ou superior a do homem, muito menos que se deslocassem pelas cidades para apresentar e realizar a venda de suas produções, como faziam os cordelistas homens.

Como resultado das questões supracitadas, o primeiro cordel feminino que se tem registro no Brasil aparece depois de muitos anos da existência do primeiro folheto. Apenas em 1938, Maria das Neves Batista Pimentel publica *O violino do Diabo ou valor da honestidade* ainda assinando com o pseudônimo masculino de Altino Alagoano a fim de que o cordel fosse aceito e conseqüentemente adquirido pelos leitores interessados, e apenas a partir de 1970 outras obras assumidamente femininas são propagadas.

Desde a publicação do primeiro cordel feminino, as mulheres têm conquistado mais espaço na literatura de cordel revelando destreza e sensibilidade com os mais diversos temas. Atualmente, nomes como Salete Maria da Silva, Dalinha Catunda, Maria de Godelive e Jarid Arraes, entre outras, já aparecem no cenário de cordelistas brasileiras, trazendo representatividade para a autoria feminina de cordéis.

Cientes de que muita coisa mudou quanto ao lugar do feminino na literatura de cordel, mas que ainda há muito o que ser feito, Duarte (2004, p.12) no artigo intitulado *Feminismo e literatura no Brasil*, nos alerta para o fato de que para as mulheres “apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência”, assim, a representatividade feminina na literatura é uma conquista que deve ser fomentada nas escolas do país.

Com o intento de promover a leitura de cordéis em sala de aula com foco no feminino, propomos a leitura de cordéis que tenham a mulher como tema, a exemplo do cordel “*Mulher no lugar do homem*” de José Pacheco, assim como de cordéis que possuam o feminino tanto na temática quanto na autoria, como a obra *Heroínas negras em 15 cordéis (2020)*, da escritora Jarid Arraes, uma coletânea de cordéis que retratam a trajetória de vida e luta de mulheres negras que inspiram reflexão. Para isso, adotaremos como metodologia o método recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988).

O método elaborado pelas autoras tem por base os estudos de Hans Robert Jauss e da estética da recepção. Para Jauss, a figura do leitor e o modo como este recebe o texto são

essenciais para a leitura e o ensino de literatura, assim, o autor concebe a relação entre leitor e literatura baseando-se no caráter estético e histórico.

Um aspecto importante para a compreensão do método recepcional e um postulado básico da teoria de Jauss, é o conceito de horizonte de expectativas, o qual pode ser compreendido como “todas as convenções estético-ideológicas que possibilitam a produção/recepção de um texto” Bordini e Aguiar (1988, p.83). Neste sentido, as expectativas do leitor são construídas com base nos aspectos sociais, ideológicos, linguísticos, literários, entre outros nos quais o leitor foi forjado.

Conforme o exposto, apresentaremos a seguir uma proposta de intervenção construída com base no modelo recepcional por considerarmos que a utilização de um método em que a ênfase recai sobre o leitor é imprescindível para atingir o tão propagado protagonismo dos estudantes enquanto indivíduos pensantes, além de estar adequado para o trabalho com o texto literário proposto.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é direcionado para os alunos do 9º ano de uma escola Municipal da cidade de Passa e Fica- RN, com previsão de aplicação em 12 horas/ aula de 50 minutos e tem por base os fundamentos da pesquisa de natureza aplicada. Caracterizada como pesquisa-ação de caráter qualitativo e natureza propositiva, este estudo prevê a utilização da ferramenta pedagógica em sala de aula para intervenção no fenômeno observado: a falta da leitura literária de textos de cordel com autoria feminina.

No que tange à leitura literária, é o importante observar que o trabalho com o texto literário requer bem mais do que a simples leitura dos códigos, é necessário um trabalho ordenado com objetivos praticáveis e planejamento estratégico, além de um olhar atento para as particularidades que cada sala de aula apresenta. Assim, colaboram para esta proposta, os preceitos de um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que são considerados os aspectos subjetivos da aprendizagem (Ex.: estímulo, compreensão, esforço, persistência, interesse).

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa-ação na qual “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou ainda, com a resolução de um problema coletivo”, Thiollent (1985, p.14) em que tanto o pesquisador quanto os participantes atuam na resolução da problemática identificada de forma cooperativa.

Tendo em vista a aplicabilidade prática e participativa deste estudo, o modelo metodológico escolhido foi a o método recepcional.



Aderir a um método não representa uma camisa de força para o ensino aprendizagem, como a ideia de sistematização poderia conotar, desde que esse método estruture os procedimentos didáticos sempre a partir de expectativas efetivas e apenas assinale rotas para que tais expectativas sejam atendidas e ampliadas (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 42).

A abordagem metodológica elaborada por Bordini e Aguiar (1988) aponta para um trabalho de leitura a partir de uma gradual imersão nos textos partindo do mais simples para o mais complexo, resultando na possibilidade de avanços e conseqüente ampliação dos horizontes, por meio de leituras significativas. Para isto, o método é composto por cinco etapas, a saber: 1. Determinação do horizonte de expectativas; 2. Atendimento do horizonte de expectativas; 3. Ruptura do horizonte de expectativas; 4. Questionamento do horizonte de expectativas; 5. Ampliação do horizonte de expectativas.

A primeira etapa, denominada determinação do horizonte de expectativas, visa reconhecer quais são as expectativas do leitor, seus gostos e preferências com o intento de traçar as estratégias mais adequadas para a ruptura e ampliação dos horizontes de expectativas.

Para fins deste trabalho e em observância a problemática apontada, carência de leitura de cordéis com autoria feminina no ambiente escolar, optou-se por elencar questionamentos que estejam inseridos neste recorte. Para isto, a fim de sondar sobre as experiências de leitura dos estudantes, o professor poderá realizar uma roda de conversa com questionamentos do tipo:

- O que mais lhes atraem nos textos?
- Quais tipos de textos costumam ler?
- Com que frequência vocês costumam ler?
- Quais textos ou livros de autoria feminina já leram?
- O que sabem sobre a literatura de cordel,
- Gostam de ler textos de cordel?
- Conhecem alguma cordelista mulher?

Supondo que a maioria dos estudantes conheçam um pouco sobre cordel e gostem de textos engraçados e/ou textos informativos, mas não conheçam nenhum cordel de autoria feminina, o professor irá planejar as próximas aulas com a leitura de cordéis femininos que tragam algum ponto em comum com as preferências apontadas pelos estudantes.

A etapa seguinte, de atendimento do horizonte de expectativas, tem como principal objetivo atender os desejos de leitura do leitor trazendo textos que satisfaçam seus interesses e sejam familiares às práticas de leituras deles. Consoante a este objetivo, o professor poderá apresentar em slides algumas figuras de mulheres que foram citadas na etapa anterior e/ou que se destacaram na literatura como Raquel de Queiros, Cecília Meireles, Marina Colasanti, Talita Rebouças, chamando a atenção para o feminino na literatura.

Em seguida, apresentará, em slides, um breve histórico sobre a literatura de cordel, suas principais características e os autores mais conhecidos, além da observação para a ausência de mulheres dentre os principais nomes de cordelistas. Logo após a apresentação, o docente realizará a leitura oral de um cordel que possivelmente atenda as expectativas de leitura dos estudantes com temática feminina. Apresentamos como sugestão para esta etapa, a leitura do cordel *Mulher no lugar do homem* de José Pacheco, pois possibilita abrir o diálogo acerca da temática feminina.

Após uma primeira leitura, o professor poderá solicitar que os próprios estudantes realizem a leitura oral de forma compartilhada. Posterior a leitura, o professor incentivará a observação sobre a construção do texto de cordel, como é a capa, quem é o ilustrador/xilografurista, quais palavras rimam, quem é o autor, qual o estilo e linguagem adotados, a temática, seguido pela reflexão sobre a figura feminina descrita no cordel, como esta é retratada, se estabelece ligação com a vida real. Por último, abrirá uma discussão acerca da representação do feminino no cordel e para a sociedade.

Para romper as expectativas de leitura, terceira etapa do método, é necessário introduzir leituras diferentes daquelas que já são conhecidas do público leitor, abalando as certezas e desafiando o próprio leitor a novas percepções com o objetivo de quebrar o padrão de leitura conhecido.

Para esta proposta, o professor irá indicar a leitura de cordéis que possam ser estranhos aos estudantes, a exemplo do cordel *Carolina Maria de Jesus*, presente na obra *Heroínas negras em 15 cordéis* (2020), da escritora Jarid Arraes e antes mesmo da leitura da palavra, o docente poderá apresentar a figura da autora, indagando sobre quem deve ser esta pessoa, qual sua profissão, quais devem ser seus interesses, e após o momento de interação, realizará uma breve explanação sobre a biografia da cordelista. Após conhecerem a cordelista, os alunos farão a leitura do cordel de forma oral em uma leitura compartilhada.

Ao final da leitura do folheto, o professor apresentará o livro onde está presente o cordel lido e fará, de forma oral, a condução para a análise do folheto, com questionamentos acerca dos elementos paratextuais, a composição, a forma poética do cordel, o teor do texto, como a mulher é retratada na obra, o que pode representar essa mulher para a sociedade, quais conquistas realizou, qual relação o cordel pode ter com a realidade deles, entre outros.

Na etapa do questionamento do horizonte de expectativas, o leitor é conduzido a refletir sobre as leituras realizadas nas etapas anteriores, estabelecendo comparação, a fim de reconhecer pontos de encontro, bem como as divergências entre as obras e por fim reconheça que já é capaz de realizar leituras mais complexas.

Nesse momento, o professor pedirá que os alunos formem grupos e discutam sobre os cordéis lidos até o momento, estabelecendo semelhanças e diferenças entre eles no que diz respeito a organização textual, ao estilo, a linguagem escolhida, recorte temático, culminando com a percepção de qual cordel foi mais desafiador, qual leitura despertou maior reflexão. Em seguida, os alunos irão registrar no próprio caderno um resumo contendo comparação entre as experiências de leitura vivenciadas.

Para finalizar esta etapa, o professor poderá propor que os alunos apresentem suas conclusões de forma oral em um círculo de conversa, momento em que o próprio professor poderá perceber as possíveis lacunas de compreensão e atuar para sanar as dúvidas, além de possibilitar uma discussão coletiva.

Na última etapa do método recepcional, denominada de ampliação do horizonte de expectativas, os alunos, cientes que sua visão da leitura literária não é a mesma da primeira etapa, são capazes de reconhecer as aquisições leitoras, sociais e culturais trazidas pelas leituras realizadas ao longo das aulas e estão aptos para explorar novos níveis de leituras. Para isto, indicamos a leitura dos cordéis Dandara dos Palmares, Maria Firmina dos Reis e Antonieta de Barros, presentes na obra *Heroínas negras em 15 cordéis* (2020), da escritora Jarid Arraes em uma dinâmica de rodízio.

Nesta proposta, imaginemos que a turma seja composta por 30 alunos, a sala será disposta em forma de círculo onde, de forma simultânea, os dez primeiros alunos farão a leitura do primeiro folheto, enquanto os dez alunos seguintes estarão lendo o segundo folheto e os próximos dez alunos lerão o terceiro folheto. O professor poderá estabelecer um tempo para a leitura de cada cordel, finalizado o momento combinado, o primeiro grupo repassará para o segundo e assim por diante, até que todos da turma tenham lido os três folhetos.

Para finalizar a intervenção, propomos um espaço para discussão, seguido da elaboração de um cordel coletivo com a temática: o feminino em nossas vidas, em que todos os alunos contribuirão com a sua compreensão acerca do feminino de acordo com a sua vivência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo faz parte de uma pesquisa, em andamento, no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, situado no Campus III, no município de Guarabira. A escolha pelo trabalho com texto literário e o gênero cordel se deu pela grande possibilidade de ampliação dos horizontes de leitura a partir do caráter estético e crítico inerentes ao cordel.

Por meio dos textos de cordel de autoria feminina é possível potencializar as práticas de leitura já realizadas em contexto escolar, contextualizando-as com a realidade social em que o aluno está inserido, conduzindo a leitores mais estratégicos. Ademais, o método recepcional de Bordini e Aguiar (1988) possibilita a construção de um percurso metodológico centrado no principal sujeito do ambiente escolar, o aluno, permitindo que este seja constantemente provocado a elevar o nível de compreensão enquanto leitor do mundo e da palavra.

Em trabalho análogo, Santana (2021, p.174) utilizou a literatura de cordel com a intenção de promover a inserção do estudante no espaço literário através de textos que se aproximem de sua realidade, além de conduzir a um letramento literário a partir da perspectiva étnico-racial. Ao final da pesquisa, o autor enfatizou o impacto que o trabalho com cordéis escritos por uma mulher negra pode trazer para o aluno no processo de letramento, assim como o despertar para o deslocamento do protagonismo nos textos literários.

Desta forma, como resultado, esperamos contribuir para a formação de alunos/ leitores capazes de reconhecerem no texto literário de cordel com autoria feminina um campo propício para ampliar seus horizontes de expectativas e oportunizar a reflexão e o posicionamento sobre seus contextos sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As práticas de leitura estão presentes na maioria das atividades da vida cotidiana atual, logo, realizar um trabalho com ênfase na leitura no âmbito escolar apresenta-se como uma necessidade primária. Além disso, as bases teóricas voltadas para o trabalho com a leitura literária que embasaram este escrito corroboraram para o entendimento que o trabalho com o texto literário é uma necessidade para a formação de um leitor crítico, propositivo e protagonista no processo de aprendizagem.

A partir da leitura literária estruturada no gênero do cordel com temática feminina, espera-se que esta proposta possibilite aos estudantes o compartilhamento de seus pensamentos, leituras, interpretações e posicionamentos acerca do lugar destinado ao feminino na literatura e em diferentes meios ainda na atualidade. Em vista disso, as estratégias metodológicas assumem um importante papel na construção de um percurso formativo em que o aluno seja envolvido pela leitura literária e reverbera nas práticas sociais.

As atividades de leitura propostas neste trabalho, embasadas no método recepcional, visam coletar e valorizar as percepções do leitor ao longo de todas as etapas da intervenção com

vistas a uma ampliação das práticas de leitura, e disseminação do respeito à cultura nordestina e ao espaço do feminino da literatura popular.

Diante do exposto, a pesquisa revela aplicabilidade para além da sala de aula, a partir da leitura de cordéis em torno do feminino, o estudante é convidado a refletir sobre a condição da mulher nos textos ficcionais, mas também sobre as mulheres do seu entorno, dentro do seu ambiente social, auxiliando não somente na formação leitora, mas também cidadã.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, 2008.

BURLAMAQUE, F. V.; MARTINS, K.C.C.; ARAUJO, M. dos S. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. *In*: SOUZA, Renata J.; FEBA, Berta L. T. (Org.). **Leitura literária na escola. Reflexões e propostas na perspectiva do letramento literário**. Campinas: Mercado de letras, p. 75-96, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, p. 151-172, 2003.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

QUEIROZ, D. A. **Mulheres Cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**, 2006, 125f, Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTANA, Diogo Coutinho. **O protagonismo negro nos cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de letramento literário para a educação de jovens e adultos**. 2021. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In*: Zilberman, Regina; Silva, Ezequiel T. da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 18-29.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução por SCHILLING, Cláudia. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez: Cortez, 1985.